



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – UAEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**MAYANDSON CRISTIANO DO NASCIMENTO**

**OS DESAFIOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA EFETIVAÇÃO DA  
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UMA REALIDADE NOS QUILOMBOS DE  
GURUGI E IPIRANGA MUNICÍPIO DE CONDE-PB**

**SUMÉ - PB  
2024**

**MAYANDSON CRISTIANO DO NASCIMENTO**

**OS DESAFIOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA EFETIVAÇÃO DA  
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UMA REALIDADE NOS QUILOMBOS DE  
GURUGI E IPIRANGA MUNICÍPIO DE CONDE-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo.**

**Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.**

**SUMÉ - PB  
2024**



N244d Nascimento, Mayandson Cristiano do.

Os desafios das comunidades quilombolas na efetivação da educação escolar quilombola: uma realidade nos Quilombos de Gurugi e Ipiranga município de Conde-PB. / Mayandson Cristiano do Nascimento. - 2024.

51 f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Comunidades quilombolas - Paraíba. 2. Educação escolas quilombola. 3. Quilombo Gurugi - Conde - PB. 4. Quilombo Ipiranga - Conde - PB. 5. Quilombolas. 6. Formação de professores. 7. Educação contextualizada I. Souza, Wallace Gomes Ferreira de. II Título.

CDU: 37.018(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**MAYANDSON CRISTIANO DO NASCIMENTO**

**OS DESAFIOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA EFETIVAÇÃO DA  
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UMA REALIDADE NOS QUILOMBOS DE  
GURUGI E IPIRANGA MUNICÍPIO DE CONDE-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Educação do Campo  
do Centro de Desenvolvimento  
Sustentável do Semiárido da  
Universidade Federal de Campina  
Grande, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em  
Educação do Campo.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.  
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

---

**Professora. Dra. Aldinete Silvino de Lima.  
Examinadora interna – UAEDUC/CDSA/UFCG**

---

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.  
Examinadora interna – UACIS/CDSA/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 17 de outubro de 2024**

**SUMÉ - PB**

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é em homenagem ao meu querido, amado e saudoso vovô Severino Rodrigues dos Santos (Bia), foi com ele que aprendi várias maneiras de se viver, de ser uma pessoa justa e agradecer todo dia pelo que tenho e o que Deus me proporcionou. Lembro-me das broncas que sempre nos dava quando eu brincava com meus primos, quando as brincadeiras podiam machucar alguém, mas, hoje sei que era sempre para o nosso bem. Lembro como hoje quando ele dizia "vigia lá menino, tomara ver, não faça isso cachorro da molesta" e entre outras broncas. Quando ele vinha do mercado e trazia um confeito para cada um dos seus netos o quintal da casa dele era só alegria, lembro das histórias de quando ia para as matas tirar madeira para fazer casas, esse era um dos trabalhos, além de trabalhar na agricultura e ir pegar camarão, caranguejo, amoré, entre outros frutos do mar e do mangue. Então ele foi e é uma das maiores inspirações para mim (viva meu vovô Bia). Agradeço primeiramente a Deus por me dar inteligência e discernimento para desenvolver esse trabalho que teve uma jornada longa, mas que foi de muito aprendizado para minha formação acadêmica e vai ser para minha vida profissional enquanto educador do campo. Quero também agradecer a minha mãe Maria Cristiane do Nascimento dos Santos e ao meu pai Marcone Rodrigues do Nascimento, aos meus irmãos Mailton Cristiano do Nascimento, Maiane Cristiane do Nascimento e a Mailson Cristiano do Nascimento e os demais familiares que de alguma forma sempre me apoiaram em meu sonho. Agradeço a minha companheira Raiana Domingos Bezerra da Silva por ter me apoiado na vida e nessa caminhada acadêmica e que sempre estava e está disposta a me ajudar de qualquer maneira. Agradeço também a meu orientador Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza que com excelência, me apontou quais os melhores caminho para desenvolver com muito vigor e competência esse trabalho de conclusão de curso. Agradeço também a professora Aldinete que também me ajudou na construção desse trabalho e aos demais professores da unidade de Educação do Campo que se fez presente ao longo de todo o tempo de formação acadêmica durante o período do curso, em especial aos professores que me deram a oportunidade de estar participando dos projetos de extensão, os professores Fabiano Custódio, Faustino Cavalcante, Carol Sá e Felipe Gervásio. Agradeço as amigas Luclécia, Suzana, Paloma, Pollyanna, Wisla, Michely, Ana Beatriz e Aurea que compartilharam e proporcionaram os momentos bons e presenciaram os momentos

ruins nesse período de formação acadêmica. Agradeço também aos amigos da minha comunidade de Gurugi, aqueles que de alguma forma me ajudaram a estar aqui concluindo minha formação superior, Reinaldo Monteiro, Josinaldo Rodrigues, Marcos Augusto, Ancelmo Rodrigues e Kaline Monteiro. Agradeço também a todos que compõem a Associação Articulação da Juventude Camponesa - AJC a qual faço parte. Como já dizia o saudoso Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo) “nós somos o começo, o meio e o começo. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia”.

*“Tem que acreditar, desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você está pelo menos cem vezes atrasado... Pela escravidão, pelo preconceito, pela história, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu? Ser duas vezes melhor como? Você é o melhor ou é o pior de uma vez. Sempre foi assim. Se você vai escolher o que estiver mais perto de você ou o que estiver dentro da sua realidade, você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí?”*

**Racionais, Mc**

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre os desafios das comunidades quilombolas na efetivação da Educação Escolar Quilombola: uma realidade no quilombo de Gurugi e Ipiranga município de Conde-PB, com o objetivo de compreender qual a concepção dos professores das escolas do Quilombo de Gurugi e Ipiranga sobre Educação Escolar Quilombola. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com quatro professores de duas escolas municipais do território quilombola, permitindo uma compreensão aprofundada. Os resultados principais indicam que a Educação Escolar Quilombola ainda é um desafio a ser enfrentado, pela falta de formação adequada para os professores e pelo currículo ainda tradicional que muitas vezes não contempla as especificidades culturais e sociais das comunidades quilombolas. Além disso, observamos que ainda é uma modalidade desconhecida, mas que indiretamente já se é trabalhada parcialmente no cotidiano das duas escolas investigadas, através de algumas garantias asseguradas pela escola em seu projeto político pedagógico e que dialogam com os princípios que as diretrizes da EEQ trazem em seus documentos. As conclusões sugerem que, a Educação Escolar Quilombola precisa ser fortalecida por políticas públicas consistentes, formação adequada de professores, materiais pedagógicos contextualizados, e uma maior participação da comunidade na definição dos rumos da educação, contribuindo para maiores discussões acerca da formação de professores quilombolas ou não quilombolas e pesquisas acerca do tema dentro do campo acadêmico.

**Palavras-chave:** Educação Escolar Quilombola; Educação contextualizada; Formação de professores; Comunidades Quilombolas.

## **ABSTRACT**

This paper presents an analysis of the challenges faced by quilombola communities in implementing Quilombola School Education: a reality in the Gurugi and Ipiranga quilombo in the municipality of Conde-PB, with the aim of understanding the concept of Quilombola School Education held by teachers in the Gurugi and Ipiranga Quilombo. The research was carried out through interviews with four teachers from two municipal schools in the quilombola territory, allowing for an in-depth understanding. The main results indicate that Quilombola School Education is still a challenge to be faced, due to the lack of adequate training for teachers and the still traditional curriculum that often does not take into account the cultural and social specificities of quilombola communities. In addition, we observed that it is still an unknown modality, but that indirectly it is already partially worked on in the daily life of the two schools investigated, through some guarantees ensured by the school in its pedagogical political project and which dialog with the principles that the EEQ guidelines bring in their documents. The conclusions suggest that Quilombola School Education needs to be strengthened by consistent public policies, adequate teacher training, contextualized teaching materials, and greater community participation in defining the direction of education, contributing to further discussions about the training of quilombola or non-quilombola teachers and research on the subject within the academic field.

**Keywords:** Quilombola school education; Contextualized education; Teacher training; Quilombola communities.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> -	Localização do Município de Conde.....	<b>27</b>
<b>Figura 2</b> -	Localização da Comunidade Quilombola de Gurugi.....	<b>27</b>
<b>Figura 3</b> -	Comunidade Quilombola de Gurugi, igreja católica.....	<b>28</b>
<b>Figura 4</b> -	Comunidade Quilombola de Gurugi PB-018.....	<b>29</b>
<b>Figura 5</b> -	Rio do Gurugi.....	<b>29</b>
<b>Figura 6</b> -	Escola Municipal José Albino Pimentel.....	<b>30</b>
<b>Figura 7</b> -	Escola Municipal Lina Rodrigues do Nascimento.....	<b>31</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Comparativo sobre os princípios da Educação Escolar Quilombola e o que está ou não sendo feito nas escolas.....	<b>33</b>
<b>Quadro 2</b> - Perfil dos entrevistados.....	<b>35</b>
<b>Quadro 3</b> - Percepção dos entrevistados sobre a educação quilombola.....	<b>36</b>
<b>Quadro 4</b> - Visão dos professores sobre a influência da comunidade no ensino das escolas.....	<b>37</b>
<b>Quadro 5</b> - Projetos culturais desenvolvidos pelos professores nas escolas..	<b>39</b>
<b>Quadro 6</b> - Processo seletivo para ministrar aula em comunidade quilombola.....	<b>41</b>
<b>Quadro 7</b> - Formação dos professores durante sua graduação.....	<b>42</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, PERCURSO, ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS.....</b>	<b>16</b>
2.1	A ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL E O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO.....	16
2.2	CONAE AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA.....	18
<b>3</b>	<b>REALIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS E A EDUCAÇÃO NA PARAÍBA.....</b>	<b>23</b>
3.1	REALIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GURUGI.....	26
3.2	ESCOLAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GURUGI.....	29
3.3	REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA A PARTIR DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS.....	35
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tomamos como problema de pesquisa compreender qual a concepção os professores das escolas do Quilombo de Gurugi tem sobre Educação Escolar Quilombola? Para tanto, precisamos destacar que a Educação Escolar Quilombola, representa uma pauta essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva para os sujeitos que pertencem as comunidades remanescentes de quilombos. No contexto histórico e cultural brasileiro ainda persistem as marcas da escravidão na nossa realidade atual, através do preconceito, da desvalorização da cultura, a perda da identidade, entre outros. Dentre isso, a educação é uma ferramenta poderosa para o enfrentamento desses desafios e para a resistência das comunidades afrodescendentes na reafirmação do pertencimento étnico racial.

Ao ressignificar a raça, esse movimento social indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas. Além disso, dá outra visibilidade à questão étnico-racial, interpretando-a como trunfo, e não como empecilho para a construção de uma sociedade mais democrática onde todos, reconhecidos na sua diferença sejam tratados igualmente como sujeitos de direitos (Gomes, 2019, p. 10).

Com isso, compreendemos aqui o conceito étnico-racial como forma emancipatória, e fundamental para a formulação de políticas afirmativas, de reparação, inclusão e promoção da igualdade de direitos, “retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social” (Gomes, 2019, p. 10). O conceito de raça toma outro sentido, combatendo o racismo, não só nas camadas altas da sociedade, mas, dentro das comunidades, principalmente sendo elas, quilombolas. Esse conceito precisa ser ressignificado, dentro dos espaços educacionais e fora deles.

Assim, a importância da Educação Escolar Quilombola vai além das fronteiras da sala de aula, pois é uma questão social que perpassa os conhecimentos acadêmicos, contribui para o respeito a ancestralidade de um povo que foi pioneiro na construção desse país, junto aos povos indígenas. É através da educação que se formam pessoas conscientes da sua história na busca pela transformação social, tornando-se seres críticos preparados para enfrentar os desafios sociais que atingem

seu povo. Diante deste contexto, estudaremos os elementos fundamentais que caracterizam a Educação Escolar Quilombola, especificamente nas escolas do território quilombola de Gurugi.

Além disso, a população quilombola necessita de suas especificidades dentro do sistema educacional, envolvendo toda sua interculturalidade, e através disso, somar na luta contra o racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira. Para tanto precisamos fortalecer uma educação antirracista, contra colonial, que segundo Santos (2007, p.48), são “todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios”. Dessa forma, conseguimos manter viva as tradições, a historicidade e a importância do povo negro. Como também, o próprio Nego Bispo afirma, que a contra-colonização é o "antídoto" contra a colonização, que a definia como "veneno".

Por isso, esta pesquisa é de extrema relevância, para cada vez mais visibilizar a luta do povo negro e a luta pela Educação Escolar Quilombola, de forma contextualizada, buscando informações através de quem está no chão da sala de aula que são os professores. Porque acreditamos que a educação é o caminho para o conhecimento crítico, para que os alunos tenham consciência da importância de viver ou de estar nesse território. Como também, ressaltamos nosso objeto de estudo nesta pesquisa que são os professores que atuam nas redes de ensino que estão dentro de territórios quilombolas, os quais precisam conhecer e trabalhar a história e a cultura desse lugar.

Desta forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral, compreender qual a concepção dos professores das escolas do Quilombo de Gurugi sobre Educação Escolar Quilombola. Com isso, seus objetivos específicos são identificar as percepções dos professores sobre a importância da Educação Escolar Quilombola, investigar a forma como os professores incorporam a história e a cultura quilombola de Gurugi no currículo escolar e avaliar a formação dos professores para atuar na Educação Escolar Quilombola.

Objetivando compreendermos o que os professores das escolas do território quilombola de Gurugi, município de Conde – PB, entendem sobre Educação Escolar Quilombola, utilizamos como método a abordagem qualitativa de cunho descritivo que

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles (Augusto et al., 2013, p. 747).

Assim, os pesquisadores conseguem ter maior proximidade com o objeto de pesquisa, com seus valores e crenças. A pesquisa qualitativa nos permite ir além do que esteja pré definido, trazendo maiores informações sobre a realidade do que está sendo investigado.

Com isso, utilizamos para a coleta de dados, a entrevista, que segundo Boni e Quaresma (2005, p. 72)

A entrevista é definida por Haguette (1997:86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Por isso, utilizamos desta coleta de dados, afim de relacionarmos o que os professores compreendem sobre o tema desta pesquisa, quais suas concepções e o que de fato é realizado nas escolas. Os sujeitos das entrevistas foram professores(as) das duas escolas pesquisadas, Escola Lina Rodrigues do Nascimento e a Escola José Albino Pimentel. Foram quatro amostras, duas de cada escola. Salientamos que manteremos o nome dos entrevistados que participaram da amostragem em sigilo.

Assim, as entrevistas foram realizadas durante o mês de agosto de 2024, todas foram de forma presencial e individual, através de gravação autorizada com os 04 professores(as), que aqui serão denominados por pseudônimos, sendo, Luiz e Laura para os professores da escola Lina Rodrigues do Nascimento, Antônio e Arlete para os da escola José Albino Pimentel. Após transcrição das entrevistas realizamos uma análise crítica reflexiva sobre as respostas dos entrevistados.

Este trabalho está organizado da seguinte forma, inicialmente buscamos compreender o processo de implementação da Educação Escolar Quilombola, apresentando como as comunidades quilombolas estão articuladas, relacionando-as

com o debate sobre a educação no Brasil. Além disso, evidenciamos a Conferência Nacional de Educação – CONAE e as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, afim de entendermos como são estabelecidas as políticas afirmativas da educação, os desafios antes e as conquistas a partir da implementação das diretrizes curriculares para educação básica que inclui a Educação Escolar Quilombola.

Ademais, apresentamos a realidade das comunidades quilombolas e a educação na Paraíba, e as ações desenvolvidas pelo NEPEC/CDSA e PARFOR para que possamos analisar como está se dando esse processo de instituir essa modalidade observando suas práticas e desafios atualmente. Para além disso, trazemos também a realidade da comunidade quilombola de Gurugi a qual é tema desta pesquisa e assim, realizamos uma análise e reflexão dos dados coletados a partir das entrevistas, finalizando com as nossas considerações finais.

## **2 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, PERCURSO, ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS**

O contexto de implementação e garantia de uma Educação Escolar Quilombola no Brasil, apresenta complexidades que estão diretamente relacionadas aos sistemas de ensino, na medida, em que estes apontam grande dificuldade de promover a efetivação de uma educação específica, levando em consideração as especificidades sociais, territoriais e culturais das comunidades quilombolas. Os argumentos passam pela ausência de formação especializada a limitações orçamentárias.

Dentre esses problemas, apresentaremos a seguir, alguns pontos cruciais para chegar a um caminho que busque a efetivação da Educação Escolar Quilombola, iniciando em como as comunidades estão articuladas e como está se construindo o debate sobre a educação desses territórios, na busca de entender, se de fato, é uma preocupação este fator determinante no sistema educacional das escolas pertencentes a comunidades quilombolas.

Além disso, observamos as políticas educacionais que permeiam através de leis e diretrizes a garantia, mesmo que apenas no papel, de uma educação específica para os povos quilombolas, bem como entender o percurso percorrido para se ter esse direito conquistado, que abarca a educação, identidade, interculturalidade e tradições.

### **2.1 A ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL E O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO**

As comunidades quilombolas no Brasil, ao longo dos anos foram cada vez mais se articulando através de suas associações comunitárias, criando uma rede de diálogo afim de reivindicar direitos, dentro das esferas locais, municipais, estaduais e a nível federal. Um exemplo disso é a CECNEQ, do estado da Paraíba, formada pelas diversas representatividades das comunidades quilombolas que existem no estado.

Com isso, as articulações atualmente existentes, como citado acima, se dão através das coordenações estaduais junto as comunidades que existem em seus municípios e assim passam as demandas de acordo com cada realidade e as particularidades das comunidades remanescentes, passando para a coordenação nacional. Assim, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - CONAQ, tem buscado reivindicar junto ao Ministério da

Educação, políticas públicas de efetivação da Educação Escolar Quilombola, para que sejam de fato implantadas, de acordo com as diretrizes educacionais vigentes no Brasil, sempre visando atender as especificidades de cada comunidade quilombola. Sabemos que, cada estado e município onde as comunidades quilombolas estão situadas tem suas reivindicações, não só pela efetivação de uma educação de qualidade, mas também pela saúde pública e por uma soberania alimentar.

É a partir destes movimentos de articulação que as comunidades quilombolas tem buscado e conseguidos melhorias. A busca por uma educação que dialogue com a realidade dessas pessoas é uma pauta extremamente importante, já que alguns dados se tornam alarmantes quando falamos na educação dos povos quilombolas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), “a taxa de analfabetismo dentro dos territórios quilombolas chega a 19,75% no Brasil”, esse índice de analfabetismo dessa população acontece por várias motivos e situações diversas que ocorrem ao longo da vida e é vivenciada pela população negra quilombola e do campo, um dos motivos recorrentes, é que o povo preto muitas vezes não pode frequentar a escola, por exemplo, por motivo de estar trabalhando junto com seus pais, para que eles tenham o que comer durante a semana, o mês e o ano, isso é uma realidade de muitos.

Além disso, quando o povo preto tem o acesso à escola existe várias situações que implicam no baixo aproveitamento de aprendizagem, como a falta de estrutura das escolas, o transporte que faz esse deslocamento das crianças, adolescentes e também dos adultos, que é de suma importância o conforto para todos os estudantes no trajeto de casa para as escolas, tendo em vista principalmente a realidade de deslocamento dos estudantes oriundos de comunidade quilombola que em sua maioria na Paraíba são comunidades localizadas nas áreas rurais, por isso a necessidade de um transporte adequado. Ademais, também podemos citar a alimentação, pois as refeições servidas nas escolas devem ser de qualidade e que garanta a segurança alimentar, melhorando assim o desempenho, a disposição e concentração dos estudantes.

Dentre isso, vale ressaltar o ensino em si das escolas, pois, os alunos já chegam muitas vezes cansados, ou até mesmo indo por obrigação, com esses impasses a serem enfrentados como citamos acima, ou seja, o aluno já vem desmotivado, então é necessário que o ensino nessas escolas seja de uma educação contextualizada, para que assim possa atender a realidade das crianças,

adolescentes e adultos, pois, segundo Duarte e Carneiro (2013, p. 39) "com o currículo contextualizado, a escola pode produzir conhecimentos e envolver a família e a comunidade nessa dimensão, cumprindo assim seu papel social de agente de transformação dos processos de injustiça e exclusão". Assim, é possível motivar os alunos a não desistirem, porque o conteúdo dado em sala de aula dialoga com suas respectivas realidades, contribuindo para a sua permanência.

Por isso, destacamos a importância das políticas afirmativas que envolve a educação dessa população, com a efetivação da modalidade da Educação Escolar Quilombola, para que assim esse índice de analfabetismo que se tem a partir do último censo do IBGE (2022), possa ser revertido, mas, não se deve apenas reinventar o currículo nas escolas, mas também atentar-se para a qualidade na alimentação e estrutura das escolas, que oferte dignidade para toda população quilombola.

## 2.2 CONAE AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A Educação Escolar Quilombola, compreendida como uma modalidade de ensino, toma forma e aparece pela primeira vez num texto de caráter público com impacto em relação a política de educação, no âmbito nacional da Conferência Nacional de Educação que correu em Brasília de 28 de março a 1º de abril de 2010. Outro marco importante ainda nesse mesmo contexto temporal foi o 1º Seminário Nacional de Educação Quilombola, que aconteceu de 9 a 11 de novembro de 2010, que naquele contexto, tinha como principal objetivo construir os alicerces do Plano Nacional de Educação Quilombola.

No quadro nacional, a Educação Escolar Quilombola ainda requer visibilidade e conhecimento, do que é essa modalidade de educação, quais são seus objetivos, ou de como ela pode ser implantada. Mas, também há, uma grande dificuldade e um certo preconceito por parte da sociedade brasileira sobre o que vai ser ensinado em uma escola quilombola, ou sobre o que vai ser aprendido pelos educandos. Possivelmente o pensamento que se tem é de que serão ensinados apenas os costumes e suas culturas.

Mas, a Educação Escolar Quilombola vai muito além de suas expressões culturais e tradições, ela se preocupa em trazer a verdadeira história desse povo, não a que nos foi passada desde o processo de colonização, onde a história foi contada

pelo homem branco, mas sim, focando no processo de descolonização, com objetivo de dar visibilidade a quem realmente foi o principal responsável pelo desenvolvimento do país, sejam os negros escravizados ou os povos originários desse território, para que possamos entender e compreender como se deu a criação do Brasil após o processo de colonização.

Segundo o site Alma preta (2023) o levantamento feito pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ, e algumas organizações parceiras, mostram uma realidade já vista em várias comunidades, crianças, jovens e adultos saindo de suas respectivas comunidades para ter acesso à educação e assim conseguir concluir o ensino médio. Além disso, trazem também dados de fechamento de escolas nas comunidades, a falta de estrutura nas escolas, alimentação e transporte muito precário para os estudantes das comunidades descendentes do povo escravizado a partir da diáspora da África. Mas, isso acontece principalmente pela ausência de dados sobre essa população e acaba acarretando na não efetivação das políticas públicas.

A partir da Conferência Nacional de Educação (CONAE), em 2010 foi deliberado pelo parecer CNE/CEB 07/2010 e pela resolução CNE/CEB 04/2010 as diretrizes curriculares para educação básica que inclui a Educação Escolar Quilombola, sendo assim os órgãos responsáveis tem que tomar consciência e se ater aos seguintes passos:

- A) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.
- b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local.
- c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.
- d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados.
- e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas.
- f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização
- g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.
- h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas (Lachert; Oliveira, 2013, p. 6 *apud* Brasil, 2011, p. 9).

Desta forma, verificamos a importância de ter acesso as garantias previstas em Lei, que envolve uma série de fatores e responsáveis, para assim reivindicar o acesso as políticas afirmativas voltadas para os povos quilombolas. Portanto, se faz necessário que essas informações passem pelo processo de formação dos professores, tanto inicial como continuada e assim sejam capacitados para entenderem a realidade de cada comunidade, assim também como os gestores, para que, possam de maneira eficaz fazer a implementação do ensino étnico-racial e o ensino da história da África e afro-brasileira.

No âmbito das políticas educacionais, o que temos de concreto é o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), introduzido pela Lei nº 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do estudo da História da África e da Cultura afro-brasileira e africana e do ensino das relações étnico-raciais, instituindo o estudo das comunidades remanescentes de quilombos e das experiências negras constituintes da cultura brasileira. Pelo Parecer CNE/CP nº 03/2004 todo sistema de ensino precisará providenciar “Registro da história não contada dos negros brasileiros, tais como os remanescentes de quilombos, comunidades e territórios negros urbanos e rurais” (Lachert; Oliveira, 2013, p. 5 *apud* Brasil, 2011, p. 9).

Com isso, essa implementação, se dará de forma que siga os passos das diretrizes curriculares da Educação Escolar Quilombola e assim será implementada no currículo das escolas de comunidades remanescentes tanto nas comunidades rurais, quanto nas urbanas, focando no ensino étnico racial e contra colonial. Para isso, o corpo docente da escola precisa estar apto a lidar com tais características que estão presentes nessa modalidade de educação.

Entretanto, para que todo esse projeto seja posto em prática, o processo de formação, tem que haver ou se fortalecer por meio das prefeituras ou do estado, ofertando uma formação para os professores que vão lecionar nas escolas situadas no território quilombola, fazendo esse processo de formação continuada, os mesmos vão ter autonomia e conhecimento para seguir as diretrizes curriculares da Educação Escolar Quilombola, e poder implementar de fato o ensino contextualizado para cada comunidade partindo das suas realidades.

Postulamos, assim, que quanto mais a formação inicial e continuada do corpo docente se centrar numa abordagem do ato docente contribuindo para a desconstrução de preconceitos, para a consciência de um olhar menos colonial e homogêneo, mais o professor será capaz de implementar uma didática culturalmente pertinente, mais reflexiva e descentralizada e, dessa maneira, influenciar de forma positiva a construção da identidade desses alunos afrodescendentes (Silva, 2023, p. 1378).

Com isso, as escolas situadas em comunidades quilombolas se tornarão cada vez mais referências, com ensino de qualidade, gestão democrática, corpo docente especializado, refletindo assim em pessoas conscientes de sua história. Entende-se também, que para se ter uma boa efetivação da Educação Escolar Quilombola, não devemos nos preocuparmos apenas com o currículo escolar, mas também com o conjunto todo que implica desde da infraestrutura da escola, sua alimentação e materiais pedagógicos disponíveis, visto que as realidades de muitas escolas nas comunidades são bastante precárias e escarças ao longo do território brasileiro.

Ademais, essa modalidade de educação que é reconhecida a partir da CONAE em 2010, está posta na Lei nº. 10.639/2003, que assegura no currículo escolar a inclusão da história e cultura afro-brasileira. E o mais agravante desse descaso com essa modalidade de educação é que o governo federal junto ao ministério da educação, oferecem anualmente recursos para que os estados e municípios realizem formações continuada para os professores, para que essa modalidade seja verdadeiramente implantada, entretanto, os estados e municípios não conseguem fazer o mínimo para que essa realidade mude enquanto responsáveis pela a educação de sua população, ainda fazem vista grossa para essas realidades.

Diante disso, se fizermos uma breve pesquisa na internet sobre a realidade desses municípios que abrangem as comunidades quilombolas, podemos observar alguns descasos que existem nesses municípios em relação a Educação Escolar Quilombola, como por exemplo, o levantamento que a CONAQ fez em algumas comunidades dos estados de Tocantins, que sofrem com a falta de formação continuada, voltada para as comunidades quilombola que lá existem. Sendo assim, os professores que são selecionados para ministrar aulas nas escolas existentes em comunidades quilombolas na sua grande maioria não passam por seleção e são poucos aqueles que são oriundos das próprias comunidades (Alma Preta, 2023).

Com isso, podemos nos questionar, de que forma podemos manter viva a tradição do povo quilombola dentro dos espaços educacionais situados em seus territórios. A partir disso, deve-se trazer de uma forma clara e objetiva para a comunidade escolar a importância de trazer a cultura da comunidade para a sala de aula. Propondo assim a implantação da Educação Escolar Quilombola nas respectivas comunidades. Além, da importância da formação continuada para os professores, sejam eles quilombolas ou não, para que cada vez mais se atualizem das mudanças que ocorrem no sistema educacional.

Ademais, ressaltamos que a Educação Escolar Quilombola está respaldada no debate da CONAE de 2010 e a Lei nº. 10.639/2003, que garante o ensino de história e cultura afro dos povos descendentes. Com isso, o governo federal tem a obrigação de fazer o repasse de recursos para a implantação da modalidade de Educação Escolar Quilombola nessas comunidades.

Além disso, é preciso fazer essa fiscalização, para que de fato, essa educação seja implantada nos estados e municípios. Os órgãos nas esferas estaduais e municipais tem a obrigatoriedade de fazer formações para implantar a modalidade, para que todos os sujeitos tenham uma educação de qualidade e que condiz com sua realidade ou seja uma educação que de fato se importe com os aspectos já aqui trazidos sobre os povos quilombolas.

### 3 REALIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS E A EDUCAÇÃO NA PARAÍBA

A palavra quilombo tem origem nos termos “kilombo” (kimbundo) ou “ochilombo” (umbundo), presente também em outras línguas faladas ainda hoje por diversos povos bantos que habitam na região de Angola e África. As comunidades quilombolas são lugares de povos remanescentes, escravizados, que carregam suas tradições e culturas desde o tempo da escravidão.

Desta forma, os mais antigos carregam consigo muitos costumes e também suas formas de falar, ou seja, seu dialeto, algumas palavras são ditas de forma que algumas pessoas que nunca ouviram falar, não entenda o seu significado, ou o que aquela pessoa está dizendo, mas se explicado o que significa na língua formal o mesmo saberá do que se trata, as palavras são diferentes, mas o sentido é o mesmo.

Entretanto, o preconceito vivido pelos povos quilombolas que são muitos, já não parte apenas da raça, da cor, mas também do modo de falar, que é usado por algumas pessoas mais velhas da comunidade, como já falado, o dialeto usado é questão de cultura, e isso não pode ser tornado algo ridicularizado por outras pessoas da sociedade, por acharem que a fala está incorreta, é preciso entender esse dialeto para que ele não se torne algo errôneo.

Como exemplo disso, podemos explicitar essa colonização que atrapalha na manutenção dos saberes ancestrais e orgânicos dos povos quilombolas a metáfora trazida por uma indígena, onde podemos interpretar como sendo uma crítica sobre a monopolização do saber, como se apenas o conhecimento do colonizador fosse válido, que foi o que de fato ocorreu na história do país. Assim, catequizaram os indígenas e os negros escravizados, destruindo a linguagem desse povo.

Nós nas aldeias e vocês nos quilombos fazemos uns caminhos que às vezes não têm nem um metro de largura. E por esses caminhos passam os animais, as onças, os tatus, as pessoas. Todos os viventes do ambiente passam por esses caminhos sem conflito, sem se atacarem. Chegam os colonialistas, porém, e alargam esses caminhos, fazem eles com seis metros, e aí só passa carro. Não passa mais gente, não passa mais porco nem onça. Como é que nos nossos caminhos, que têm apenas um metro, cabe de tudo, e nos deles, que têm seis metros, só cabe um carro?”, me perguntou certa vez uma indígena (Santos; Pereira, 2023, p.36).

Com isso, podemos fazer também uma relação com a Educação Escolar Quilombola, em sua modalidade, porque esta não se trata de uma educação que

favorece ao sistema capitalista, que está instalado no mundo, pois a Educação Escolar Quilombola conflui com várias outras modalidades de educação que lutam contra um sistema homogêneo. Então, ela se faz necessária para que os descendentes não se percam em seu caminho, indo também contra ao modelo colonialista e que de fato seja contra colonialista.

Além disso, trazemos como exemplo, de como a Educação Escolar Quilombola é de fato um pilar importante para as comunidades quilombolas da Paraíba e também a nível Brasil, é a realidade da comunidade de Caiana dos crioulos em Alagoa Grande Paraíba, que em 2010 a Escola municipal de educação infantil e ensino fundamental Firmino Santino da Silva, recebeu o selo de “Educação para a Igualdade Racial”. Ela recebeu esse selo por colocar a lei 10.639/03 em prática, onde essa lei determina as escolas a ensinarem a história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar do ensino médio e fundamental da rede pública de ensino, tendo em vista que a escola está sempre no diálogo com a comunidade, para que assim entenda os seus costumes e com isso poder oferta uma educação que atenda a realidade dos estudantes daquele território.

Segundo Júlio (2022), o esforço para conseguir receber essa honraria foi por meio de parceria com a UEPB, ofertando formação continuada para os professores da rede municipal de Alagoa Grande e apesar de ter tido bons resultados, com a mudança de gestão política esse projeto se acabou. Entendemos que, quando se tem gestores que estão realmente dando importância para educação em seu plano político a educação ela começa a dar sentido e fazer sentido para as pessoas de suas comunidades sejam elas camponesas ou quilombolas.

Por isso, atualmente é necessário o retorno dos cursos de formação continuada de professores na área de educação étnica racial, uma vez que possibilita aos docentes elementos a implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação escolar quilombola na Educação básica sobretudo, porque a Escola Firmino Santino da Silva em instituição escolar quilombola (Júlio, 2022, p.149).

Entendendo essa experiência da cidade de Alagoa grande podemos afirmar que é possível a implementação dessa política afirmativa nas comunidades quilombolas seja ela rural ou urbana, partindo do pressuposto que cada comunidade tem suas particularidades, então vale ressaltar a importância da formação continuada para que seja dado passos largos de efetivação da Educação Escolar Quilombola.

Contudo, no ano de 2023, no dia 19 de setembro em João Pessoa na Paraíba, houve a visita do coordenador-geral de Educação Étnico-racial e Educação Quilombola da SECADI, Eduardo Araújo, representante do MEC, que realizou uma visita na escola situada na comunidade de Paratibe uma das comunidades quilombola urbana da Paraíba. No dia 20 de setembro, foi até escola municipal quilombola. Essa visita foi no intuito de entender como estava a realidade da educação nas escolas quilombola da Paraíba.

Na audiência, Eduardo Araújo falou sobre as ações do MEC voltadas à educação quilombola no país e destacou a reconstrução da SECADI, a criação da Diretoria de Políticas de Educação Étnico-racial Educação Escolar Quilombola e da Coordenação-Geral de Educação Étnico-racial e Educação Escolar Quilombola. Ele destacou os processos de formação continuada, o diálogo com participação social através da criação da Comissão Nacional de Educação Escolar Quilombola e possíveis parceiras com o estado da Paraíba (Brasil, 2023).

Diante do cenário político que o Brasil passou nos últimos anos, vivemos um grande ataque a educação brasileira, com o desmonte de algumas secretarias específicas que existia no ministério da educação, como o desmonte da SECADI, que tinha a função de cuidar da Educação Escolar Quilombola e também a da Educação do Campo. Já nessa retomada de governo de esquerda o olhar para educação vem melhorando aos poucos com a volta da secretaria ligada ao MEC a educação vem em uma crescente muito boa. Então o processo de efetivação da Educação Escolar Quilombola vem sendo cada vez mais pautada na Paraíba através das reivindicações do movimento negro e das comunidades quilombolas do estado.

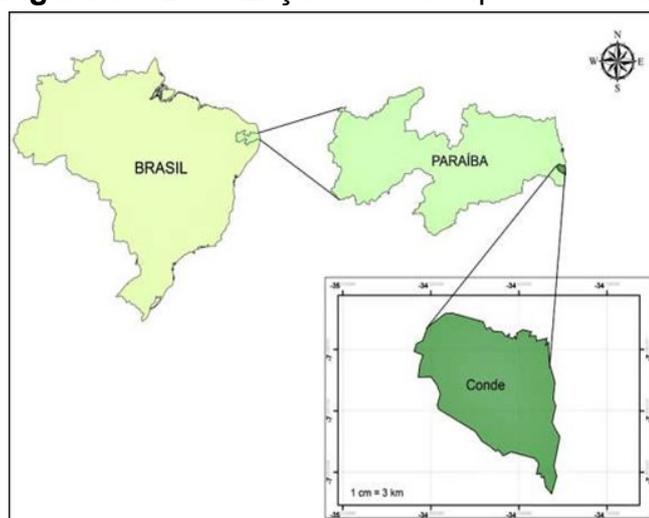
Através da visita do coordenador- Geral de educação Étnico-racial e Educação Escolar Quilombola, ele trouxe a importância da formação continuada para os professores, que ensinam nas escolas quilombolas, como na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia Socorro S. Machado de Paratibe, em João Pessoa, onde o mesmo fez a visita, as reivindicações feitas foram a ampliação e a formação para os 60 integrantes do corpo docente da escola, os materiais didáticos que tem uma grande importância para as práticas pedagógicas e didáticas de ensino para que possa nortear os professores. Portanto, se faz necessário a parceria entre governo federal, estadual e municipal para que possa ter um elo mais forte de implementação da Educação Escolar Quilombola.

Ademais, no Cariri Paraibano, precisamente na cidade de Sumé – PB, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Etnicidade e Cultura – NEPEC/CDSA, desenvolveu o curso intitulado “Formação em Educação para as Relações Étnico-raciais e Direitos Humanos”, que ocorreu na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no Campus Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA, com o objetivo de formar membros dos movimentos sociais, professores(as), gestores(as) e técnicos(as) da educação básica de escolas públicas da Paraíba e Pernambuco com a finalidade de implantar no currículo escolar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana.

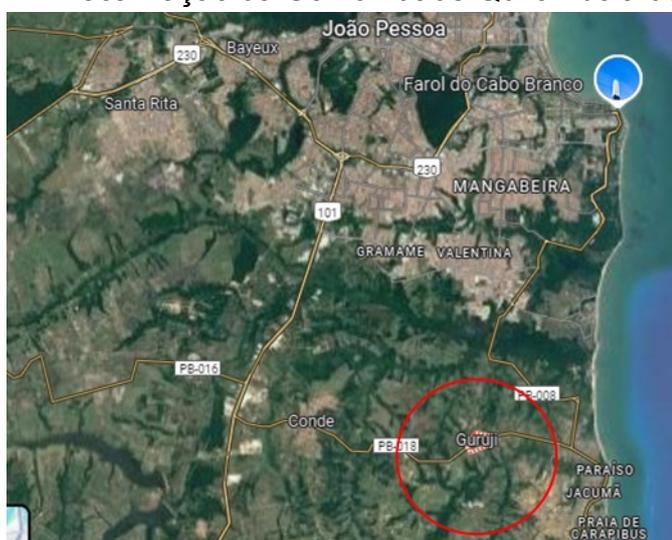
Além disso, o Plano Nacional de Formação de Professores - PARFOR Equidade é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que tem como objetivo formar professores para atuar em redes públicas e comunitárias. Na Paraíba, o PARFOR vem desenvolvendo vários cursos sobre o ensino étnico racial, onde está sendo implantado no campus do CDSA a Licenciatura em Educação Escolar quilombola, tendo como objetivo formar professores(as) quilombolas e não quilombolas, mas que atuam nos territórios quilombolas. O PARFOR Equidade vem desenvolvendo cada vez mais formações iniciais e continuada para que todos os sujeitos de direito tenham acesso a uma educação contextualizada e digna para cada povo, respeitando sempre suas particularidades e sua pluralidade.

### 3.1 REALIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GURUGI

A comunidade de Gurugi, recebeu sua Certidão Fundação Cultural Palmares no ano de 2006, sendo reconhecida como comunidade Quilombola. Porém, antes disso, o Gurugi já era área de Assentamento da Reforma Agrária, período em que trabalhadores e trabalhadoras se uniram na luta pela conquista da terra. A Comunidade Quilombola de Gurugi está localizada no município de Conde – PB está a 31 minutos de distância da capital da Paraíba João Pessoa (26, 4 km) via BR-101 e BR-230. Ela localiza-se no Litoral Sul paraibano. A comunidade conta com 253 grupos familiares em sua população.

**Figura 1 – Localização do Município de Conde**

Fonte: Barbosa e Furrier (2014).

**Figura 2 – Localização da Comunidade Quilombola de Gurugi**

Fonte: Google Maps.

A Comunidade Quilombola de Gurugi começou a ser formada na época do Brasil Império. Segundo Silva (2018), na época os habitantes de quilombos de Pernambuco, Sergipe, e Alagoas, se deslocaram para trabalhar em fazendas dos estados nordestinos. As terras foram doadas pelo poder central do Estado da Paraíba, que as arrendou para posseiros, na metade do século XX, os posseiros decidiram vender a hectare e expulsar a população que ali vivia, porém eles resistiram. Durante as lutas pelo território a comunidade perdeu grande parte dos “irmãos” negros que ali viviam, e que foram mortos lutando por um pedaço de chão.

Os troncos mais velhos supõem que a ocupação do território do Gurugi por negros fugitivos, especificamente Mãe Bu e Pai Caboclo, ambos comprovados na árvore genealógica feita no laudo antropológico, advindo do Quilombo dos Macacos que percorreram o Litoral Norte de Pernambuco, por sua vez procedente da última resistência do grande Quilombo dos Palmares, no período do Brasil Império. O território tradicional quilombola do Gurugi emerge com aliança de caboclos entre índios que viviam em diferentes localidades no Litoral Sul, cuja última resistência foi no Sítio dos Caboclos (Silva, 2018, p. 62).

O Gurugi é um território contínuo povoado por ramos de um mesmo tronco familiar, que procura manter viva a cultura e a história de seu povo para as novas gerações. Lá eles mantêm tradições culturais como o coco de roda, a capoeira e o ofício das rezadeiras. Segundo os moradores a cultura e as vivências desta comunidade estão ameaçadas devido à especulação imobiliária, que é o grande problema enfrentado pelos afrodescendentes que moram nas Comunidades Quilombolas do Gurugi.

**Figura 3** – Comunidade Quilombola de Gurugi, igreja católica



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

Salientamos que, conforme os estudos antropológicos realizados por equipes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), parte das áreas que seriam, historicamente, de direito dos afrodescendentes, foram vendidas de maneira irregular e hoje dão espaço a loteamentos e casas de veraneio. Porém, o povo continua e continuará na luta contra a especulação imobiliária e outros desafios.

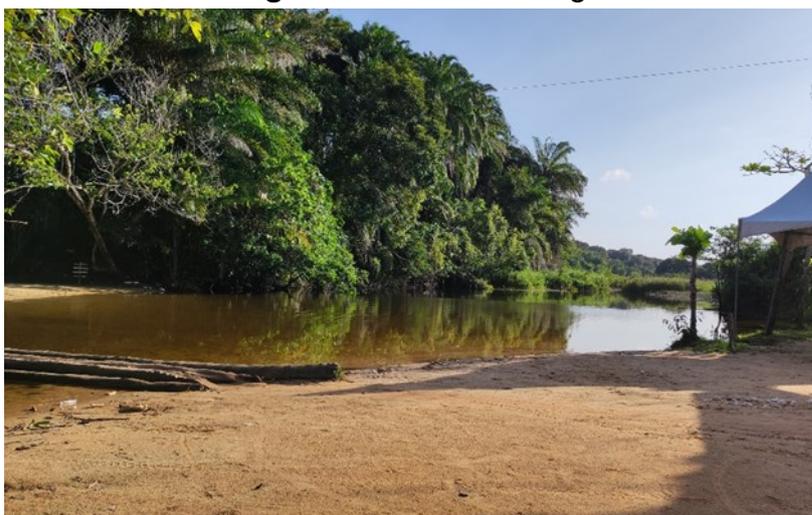
**Figura 4 – Comunidade Quilombola de Gurugi PB-018**



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

Contudo, o quilombo de Gurugi dispõe de muitas histórias e resistência do povo negro, tanto na luta pelo território, quanto na preservação da sua cultura. Além da riqueza natural com seus belos rios e matas.

**Figura 5 – Rio do Gurugi**



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

A comunidade atualmente é referência, e um lugar muito procurado que tem suas histórias contadas por muitos, principalmente pelos mais velhos que são muito procurados pelos universitários que estudam os quilombos.

### 3.2 ESCOLAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GURUGI

A escola José Albino Pimentel está localizada entre as duas comunidades quilombolas de Gurugi e Ipiranga a 08 (oito) quilômetros da cidade sede do Município

de Conde, denominada pelo mesmo nome - Conde. Para chegar à comunidade é possível ter acesso por meio da rodovia PB 008 que liga a capital do Estado João Pessoa aos municípios da Zona da Mata e Litoral Sul do Estado da Paraíba e pela PB 018, que liga a cidade sede do Município Conde.

**Figura 6 – Escola Municipal José Albino Pimentel**



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

Conta-se que José Albino Pimentel era um dos arrendatários do território que está situado o Gurugi, o então prefeito da época Aluísio Regis colocou o nome da escola para homenageá-lo. Segundo os mais velhos, contam que José Albino conseguiu a terra através do governo por três heranças, ou seja, para ele, filhos e netos com o fim do Brasil império ele perdeu os poderes que tinha na terra.

A escola municipal de ensino fundamental Professora Lina Rodrigues do Nascimento tem a mesma localização, situando-se na saída de Gurugi sentido o distrito de Jacumã – PB.

**Figura 7 – Escola Municipal Lina Rodrigues do Nascimento**



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

Lina Rodrigues foi a primeira professora do Gurugi, ela tinha apenas a quarta série do fundamental, como se dizia antes, ela estudou o exame de admissão que hoje é o quinto ano. Ela desempenhou um bom trabalho, alfabetizando várias pessoas do Gurugi e Ipiranga. Foi umas das lideranças na luta pela alfabetização do nosso povo quilombola, essa história é sempre contada por várias pessoas que estudaram com ela.

Com isso, a partir da minha vivência em uma dessas escolas como oficineiro do projeto do governo federal, Mais Educação, participei de planejamentos mensais das atividades escolares. Através do diálogo com professores da escola José Albino Pimentel e algumas observações minhas na escola Lina Rodrigues do Nascimento, onde trabalhei, vi que o ensino nessas duas escolas não estava atendendo as especificidades da comunidade, pois, o ensino que estava sendo ofertado era o ensino dentro da perspectiva tradicional.

...atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está "adquirindo" conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico (Mizukami, 1986, p. 11 *apud* Leão, 1999, p. 190).

Assim, percebemos que o ensino tradicional limita os educandos a serem meros ouvintes do que lhes é ensinado na sala de aula, não existe o debate, são seres

passivos que apenas recebem o conhecimento, além disso, dentro dessa perspectiva é impossível se trabalhar uma educação contextualizada e muito menos cultural, dentro de uma concepção antirracista e decolonial, por exemplo.

No entanto, existe uma modalidade de educação para as comunidades quilombolas, que visa contrariar essa concepção tradicional, contextualizando a educação e assim trazendo os conhecimentos do ensino étnico-racial, para que assim não ocorra uma prática comum, de uma grande maioria das instituições escolares, que é ensinar apenas para os alunos sobre, por exemplo, a história do “20 de novembro”, que simboliza uma história de muita luta do povo preto.

Porém, além de contar apenas essa história, ela acaba sendo contada de forma fragmentada, pois vários fatos são omitidos, passando a ser ensinado nas aulas de forma incompleta. Essa história que está nos livros didáticos, vem muitas vezes deturpada e mascarada com algumas menções, como Zumbi o herói de Palmares. Mas, sabemos que para chegar nesse título de herói do povo preto, Zumbi passou por muitas batalhas, não só ele, como todo povo escravizado que aqui estava no período escravocrata.

Entretanto, atualmente com base nesta pesquisa, percebemos que as escolas passaram a contextualizar o ensino das salas de aula com o forte pertencimento étnico-cultural da comunidade. Isso vem se dando através dos projetos desenvolvidos pelos professores, visando algumas tradições dos povos quilombolas.

Por isso, a importância de que os professores que atuam nessas escolas e comunidades saibam do que se trata a educação contextualizada, do campo, étnico-racial e principalmente a Educação Escolar Quilombola, para que assim desenvolvam uma educação libertadora e humanizada de maneira mais eficaz e que atenda a todos os ensinamento e tradições trazidos pelos estudantes com seus saberes orgânico sem distinção nenhuma.

Analisando o PPP das escolas percebe-se que existe nos objetivos gerais os ensinamentos da auto afirmação étnico-racial e de educação do campo, como também as diretrizes da Educação Escolar Quilombola, mas isso não é a garantia de uma efetivação da modalidade de Educação Escolar Quilombola, por isso, surge a crítica de não ter uma educação que foque na realidade e que trabalhe as especificidades da comunidade. Também foi encontrado no PPP, a resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, documento que define no artigo 7º os princípios da Educação Escolar Quilombola. Mas, essa modalidade da educação não é encontrada nas escolas, pois

o currículo trabalhado não condiz com as diretrizes que rege a Educação Escolar Quilombola. Diante disso, ressaltamos que o que está descrito no PPP da escola não garante a total efetivação da modalidade.

**Quadro 1 – Comparativo sobre os princípios da Educação Escolar Quilombola e o que está ou não sendo feito nas escolas**

<b>Princípios da Educação Escolar Quilombola</b>	<b>Realidade nas escolas investigadas (Escola José Albino Pimentel)</b>	<b>Realidade nas escolas investigadas (Escola Lina Rodrigues do Nascimento)</b>
I - Direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade;	A escola atende a esses princípios que estão assegurado pelo seu PPP.	A escola atende a esses princípios que estão assegurado pelo seu PPP.
II -direito à educação pública, gratuita e de qualidade;	Direito assegurado por se tratar de uma escola pública, do campo e que trata de seguir os princípios da educação escolar quilombola.	Direito assegurado por se tratar de uma escola pública, do campo e que trata de seguir os princípios da educação escolar quilombola.
III -respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;	A escola atende a esse princípio porque desenvolve projetos extracurriculares que envolve as manifestações culturais quilombolas.	A escola atende a esse princípio porque desenvolve projetos extracurriculares que envolve as manifestações culturais quilombolas.
IV -proteção das manifestações da cultura afro-brasileira;	A escola desenvolve projetos que mantém viva as manifestações da cultura afro-brasileira, como o projeto dos clamores antigos. Porém essas práticas eram mais fortes dentro da escola quando existias o programa Mais Educação do governo federal.	Algumas práticas eram desenvolvidas na escola quando se tinha o programa Mais Educação. Atualmente existe o projeto de percussão que é oriundo do Mais Educação. Como também, a farmácia viva que trabalha e valoriza o saber popular através das ervas medicinais.
V -valorização da diversidade étnico-racial;	A escola trabalha essas questões principalmente nas datas comemorativas ao decorrer do ano letivo.	A escola trabalha essas questões principalmente nas datas comemorativas ao decorrer do ano letivo.
VI -promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;	A escola garante esse princípio e tais questões sociais são trabalhadas em sala de aula.	A escola garante esse princípio e tais questões sociais são trabalhadas em sala de aula.
VII -garantia dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e do controle social das comunidades quilombolas;	A escola garante que esses direitos estejam assegurados.	A escola garante que esses direitos estejam assegurados.
VIII -reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais;	A escola reconhece os povos quilombolas e o território enquanto comunidade tradicional.	A escola reconhece os povos quilombolas e o território enquanto comunidade tradicional.
XIX - conhecimento dos processos históricos de luta pela regularização dos	A escola retrata parcialmente o processo de luta pela regularização do território, porém não é muito notório que de fato isso seja	A escola retrata parcialmente o processo de luta pela regularização do território, porém não é muito notório que de fato isso seja

territórios tradicionais dos povos quilombolas;	aprofundado. No PPP consta um pouco da história da comunidade e dos principais mártires da luta.	aprofundado. No PPP consta um pouco da história da comunidade e dos principais mártires da luta.
X -direito ao etnodesenvolvimento entendido como modelo de desenvolvimento alternativo que considera a participação das comunidades quilombolas, as suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e de vida;	Os professores como membros da escola fazem essa prática de valorizar as tradições locais e as formas produção do trabalho dos alunos e de seus pais.	A escola promove alguns pontos desse princípio valoriza a forma de produção dos alunos e de seus pais existe espaço que permite os alunos possam praticar as tradições locais, como comer de baixo dos pés das árvores.
XI -superação do racismo— institucional, ambiental, alimentar, entre outros —e a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial;	A escola trabalha parcialmente algumas questões desse princípio e outras como a discriminação racial ela trabalha em sua totalidade.	A escola trabalha parcialmente algumas questões desse princípio e outras como a discriminação racial ela trabalha em sua totalidade.
XII -respeito à diversidade religiosa, ambiental e sexual;	A escola respeita toda a diversidade independente de qual seja.	A escola respeita toda a diversidade independente de qual seja.
XV -superação de toda e qualquer prática de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia;	A escola tem sempre que combater com essas problemáticas.	A escola tem sempre que combater com essas problemáticas.
XVI -reconhecimento e respeito da história dos quilombos, dos espaços e dos tempos nos quais as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos quilombolas aprendem e se educam;	A escola reconhece e respeita a história do lugar, mas ela não é passada em seu ensino.	A escola reconhece e respeita a história do lugar, mas ela não é passada em seu ensino.
XVII -direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;	A partir de projetos interdisciplinar o conhecimento tradicional está em apropriação e é valorizado e se tem a continuidade e reconhecimento da comunidade essas práticas sempre acontecem parcialmente.	A partir de projetos interdisciplinar o conhecimento tradicional está em apropriação e é valorizado e se tem a continuidade e reconhecimento da comunidade essas práticas sempre acontecem parcialmente.
XVIII -trabalho como princípio educativo das ações didático-pedagógicas da escola;	A escola promove esse princípio.	A escola promove esse princípio.
XIX - valorização das ações de cooperação e de solidariedade presentes na história das comunidades quilombolas, a fim de contribuir para o fortalecimento das redes de colaboração	Esse princípio é feito ao inverso, a comunidade que sempre atua na colaboração com a escola quando se falta verbas para algumas necessidades na escola como exemplo a falta de materiais de limpeza e é sempre feita ações de colaboração através dos alunos e seus pais com doações para manter o espaço limpo.	A escola usa desse princípio quando está montando algo, como exemplo, do projeto da farmácia viva tem a cooperação dos alunos e de seu país enquanto membros da comunidade.
XX - Reconhecimento do lugar social, cultural, político, econômico, educativo e ecológico ocupado pelas	A escola dá o devido valor para as mulheres na comunidade ressaltando	A escola dá o devido valor para as mulheres na comunidade ressaltando

mulheres no processo histórico de organização das comunidades quilombolas e construção de práticas educativas que visem à superação de todas as formas de violência racial e de gênero.	sempre a importância histórica das mulheres na organização da comunidade.	sempre a importância histórica das mulheres na organização da comunidade.
---	---	---

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

### 3.3 REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA A PARTIR DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS

Antes de iniciarmos a análise das entrevistas, consideramos apresentar algumas informações de caráter profissional dos entrevistados.

**Quadro 2 – Perfil dos entrevistados**

Entrevistados	Gênero	Formação	Tempo de atuação
Antônio	Masculino	Pedagogia e Psicopedagogia Especialização em orientação escolar	20 anos
Arlete	Feminino	Pedagogia e Psicopedagogia	14 anos
Luiz	Masculino	Licenciatura em História	4 anos
Laura	Feminino	Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.  Pós-graduação em ensino de Língua portuguesa e supervisão pedagógica.  Mestre em Linguística e ensino	3 anos

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Inicialmente, para melhor compreendermos a análise das entrevistas, vamos apresentar as respostas dos entrevistados abaixo em quadros que elaboramos destacando também palavras-chaves nos discursos. Assim, para iniciarmos perguntamos aos entrevistados qual a importância da Educação Escolar Quilombola, afim de compreendermos qual a concepção dos professores sobre a modalidade de educação. Vejamos abaixo.

**Quadro 3 – Percepção dos entrevistados sobre a educação quilombola**

<b>Qual a importância da Educação Escolar Quilombola?</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Discurso</b>	<b>Palavras chaves</b>
Antônio	<i>Fortalecimento da cultura local e trazer conhecimento para essas crianças que já tem que está situada no território acho de grande importância trazer essa cultura, trabalhar em cima dessa cultura que essas crianças desenvolvem que a família desenvolve que já está aqui né então é super importante.</i>	Cultura Local Fortalecimento Território Família
Arlete	<i>A importância é de levar para nova geração a importância histórica a importância cultural principalmente para não deixar morrer essa cultura, nós temos aqui né a Ana do coco ela é um dos ícones aqui culturais então a gente enquanto escola nós temos que lutar pra isso para que essa cultura não morra para que a importância histórica não morra para que os jovens continuem a historicidade e se orgulhe de ser quilombola.</i>	Luta Morte Orgulho Identitário Transmissão de Conhecimento
Luiz	<i>No meu entendimento é uma perspectiva de valorizar a identidade cultural das tradições culturais das populações afro descendentes e, mas também em uma perspectiva de formar os alunos no ponto de vista do desenvolvimento do senso crítico para o que se refere algumas problemática sociais que fazem parte da realidade social a qual eles vivem.</i>	Valorização Tradições Afrodescendentes Realidade Social
Laura	<i>Eu acho que ela é importante para gente conseguir atender ao alunado de acordo com as características e as necessidade deles, de como ele vive, de como é a sociedade dele, como aquilo está organizado, porque senão fica muito, se a gente seguir um currículo padronizado nacional a gente se distancia muito da realidade daquele aluno então criam-se várias lacunas de interação social da gente com ele, de ele com a gente, com o meio dele, porque faz com que haja uma ruptura nesse processo de ensino e aprendizagem</i>	Sociedade Lacuna Ruptura Conhecimento Local Currículo padronizado

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Diante desse questionamento, podemos perceber que alguns dos professores ainda tem certa dificuldade de compreensão do que se trata a política da Educação Escolar Quilombola. Mas, podemos afirmar que os professores tem uma preocupação com a modalidade e que são favoráveis pela implantação do currículo para que a escola se integre a realidade dos estudantes. Pois, só assim será garantido o

fortalecimento da cultura local, valorizando os saberes e tradições, fazendo com que as crianças, jovens e adultos se orgulhem da sua história de luta e resistência, a partir da educação. É importante a visibilidade dessa discussão para que haja um currículo nas escolas que não rompam com essa relação de escola-comunidade.

Conclui-se, portanto, que uma escola quilombola de qualidade pode garantir o empoderamento de suas crianças e jovens, garantindo a continuidade da luta de seus ancestrais. A consequência não pode ser outra que não a melhoria das condições do povo negro dessas comunidades (Campos; Gallinari, 2017, p. 200).

Portanto, é válido afirmar que a Educação Escolar Quilombola é muito importante para as populações quilombolas existentes no Brasil e também para a população em geral, que assim, quebre os dogmas do racismo estrutural e veja de fato a importância dos descendentes de escravizados deste país a partir da diáspora da África.

Além disso, ressaltamos aqui que, ao longo das entrevistas os professores sempre trazem à tona as manifestações culturais que existem na comunidade que as escolas estão inseridas, como a capoeira, o coco de roda e muitas outras práticas, como o maculelê e a ciranda que são práticas culturais que são feitas a muito tempo na comunidade.

#### **Quadro 4 – Visão dos professores sobre a influência da comunidade no ensino das escolas**

<b>Na sua visão qual a influência da comunidade no ensino dessa escola?</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Discurso</b>	<b>Palavras chaves</b>
Antônio	<i>Acho importante né porque a comunidade toda ela traz muita informação muito assunto referente a sua identidade cultural isso fortalece nosso trabalho né é trabalhar dentro de uma cultura e um território que é rico em cultura é fortalecer bastante o aprendizado desses alunos.</i>	Informação Identidade Cultural Reconhecimento Potência Cultural
Arlete	<i>A importância da comunidade dentro da escola é fundamental na minha visão como educadora e professora só que esse movimento da família na comunidade dentro da escola deveria ser mais forte as famílias deveriam ser mais juntas, eles têm mas, ainda acho muito pouco principalmente de uns anos pra cá a família está abrindo mão da educação dos seus filhos então assim é muito triste você ouvir crianças se negando a ser quilombola se negando a se conscientizar dessa importância.</i>	Negação Família Desinteresse Comunidade

Luiz	<i>Eu entendo que a influência ela se dá muito na valorização que eu observo por parte dos alunos da identidade da cultura das práticas culturais da comunidade aqui onde eles vivem.</i>	Valorização Alunos Práticas Culturais Influencia
Laura	<i>A comunidade ela participa de muitas formas que seja no dia a dia e quando é solicitado o pai e a mãe vem a gente vai para o coco, dar palestras, tem feiras, trazem os produtos produzidos, tem as mulheres que produzem os bolos, grupo de mulheres negras. É uma comunidade que se envolve bastante nesse processo, não é 100%, porque não tem condição de ser 100%, em lugar nenhum mais em uns 85% dos familiares da comunidade no entorno ela é bem interessada e participativa. Porque às vezes participa por obrigação, mas eles são interessados em saber o que está acontecendo na escola.</i>	Participação em eventos Obrigação Quando solicitado

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Com base nesse questionamento, os professores entrevistados responderam que a participação da comunidade é ativa, porém sentem a necessidade de maior compromisso, pois, os pais são muito ativos quando solicitado para reuniões, festas, mas os professores de uma forma direta falam que ainda sentem falta da presença dos pais e da comunidade para o acompanhamento do rendimento escolar e assim poder estar dando maior importância para a educação escolar dos seus filhos, sobrinhos e das crianças de toda comunidade. Percebe-se que sem a dada importância por parte dos pais, acaba que desmotivando os alunos, pois são os pais, avós, que carregam todo conhecimento, história e cultura do povo, e precisam acompanhar seus filhos e contribuir junto a escola na sua educação.

De certo modo os professores têm total razão, pois como faço parte da comunidade conheço pessoas e pais que são professores formados que tem capacidade de acompanhar com excelência a grade curricular da escola e inclusive participar ativamente da construção do PPP das escolas situadas na comunidade.

Além disso, diante dessa pergunta, notamos a dificuldade de dois dos entrevistados para respondê-la, de forma segura, percebemos a falta de vivência e interação dos mesmos com a comunidade, por estarem lecionando a poucos anos na escola, como por exemplo, como funciona sua organização, quais as práticas vivenciadas na comunidade, tanto as práticas culturais como as de costumes do dia a dia. Já os outros dois entrevistados tiveram elementos para poder responder à

pergunta tendo em vista o tempo que estão ministrando aula na comunidade, por ter uma interação maior com os pais de alunos e também com toda a comunidade em si.

**Quadro 5 – Projetos culturais desenvolvidos pelos professores nas escolas**

<b>Você desenvolveu algum projeto voltado para questão cultural?</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Discurso</b>	<b>Palavras chaves</b>
Antônio	<i>Sim, tem os clamores antigos a gente faz um trabalho com essas crianças desenvolvimento o que eles trazem de conhecimento da cultura local. Se inicia com os fantoches e as crianças foram introduzindo a cada apresentação um elemento da comunidade, então foi algo que veio surgindo naturalmente dentro do projeto e cada vez que a gente fazia uma apresentação que vinha um elemento novo que eles traziam pra gente e eu só fazia estimular cada vez mais.</i>	Clamores antigos Fantoches Cultura local
Arlete	<i>Eu trabalho sim, nós fizemos aqui já umas festividades que nós dissemos, vamos soltar os cabelos meninas, as meninas todas com os cabelos presos. Nós fizemos aqui um salão de beleza, as meninas ficaram cada negras lindas.</i>	Festividades Cabelos Negras Beleza
Luiz	<i>Até então, não desenvolve nenhum projeto.</i>	
Laura	<i>A Farmácia viva. Que é onde eles trazem o conhecimento que eles têm da própria comunidade dele, quais as plantas que eu tenho no quintal que minha mãe tem, para o que é? Que minha avó usa, o que é que a gente pode fazer com isso? Então eles mesmo trazem aí a gente faz essa integração. Quem foi montando, foi Zeza, que é uma das cuidadoras de um dos alunos especiais. Então, essas plantinhas ela catava lá atrás, trazia da casa dela, e foi montando, aí os meninos começaram a ver, “na minha casa tem um pé de hortelã vou trazer”, aí trazia. Quando vi aquilo sendo montado aí eu sentei com os meninos, bora fazer? Os meninos bora professora, aí a gente foi montando fez a revitalização, trouxe mais, montou as plaquinhas, estudou sobre o nome científicos com a professora de ciências.</i>	Conhecimento Plantas Quintal Científico

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024)

Percebe-se que os professores conseguem realizar alguns projetos extracurriculares que dialogam diretamente com a realidade dos alunos, como acontece nos projetos citados acima. É possível dessa forma trabalhar o conteúdo

escolar de forma didática e divertida, como bem percebemos na fala dos professores durante a entrevista que falaram com muito entusiasmo sobre os projetos e sobre a participação ativa dos alunos. Então mesmo que sejam poucos projetos, mas é nítido que a escola consegue envolver a cultura dos alunos dentro do seu espaço.

Contudo, observamos a importância desse projeto desenvolvido nas escolas pois, os mesmos tendem a valorizar as identidades culturais da comunidade e o conhecimento popular e ainda faz com que os professores desenvolvam um pouco da modalidade de Educação Escolar Quilombola, mesmo não tendo tantos conhecimentos sobre essa modalidade, compreendendo assim sobre as práticas pedagógicas e sobre as diretrizes que sistematizam essa modalidade de educação.

Durante a entrevista os professores destacaram que seria muito importante para a escola se o currículo de fato fosse de uma Educação Escolar Quilombola, já que, a escola está no território, e que a comunidade é rica em cultura e conhecimento popular e seria de grande ajuda para que os jovens se reconhecessem de fato como quilombola. Além de destacar a importância do currículo para Educação Escolar Quilombola, fazem também uma crítica ao currículo que é posto nas escolas, a nível Brasil, destacam que o currículo tradicional não atende em sua totalidade a realidade das escolas urbanas e afirma que não tem como atender de forma positiva as escolas rurais que são tão específicas.

As escolas quilombolas foram regulamentadas com a criação de Diretrizes Curriculares Nacionais específicas em 2012; o referido documento foi fruto de uma série de discussões realizadas no campo educacional a partir década de 1980. Determinou-se, assim, que a Educação Escolar Quilombola ocorresse em escolas inseridas nas próprias comunidades, tendo no currículo temas relacionados à cultura e à especificidade étnico cultural de cada uma delas (Campos; Gallinari, 2017, p.200).

Sabendo disso vale elencar que as instituições governamentais responsáveis por cada escola existentes nessas comunidades quilombolas se faz responsáveis de pensar a Educação Escolar Quilombola. Entendendo que cada comunidade tem suas especificidades e a Educação Escolar Quilombola, através das diretrizes passa a atender cada uma delas, de uma forma eficaz, com uma educação de qualidade para a essa população do Brasil trazendo sempre o seu contexto histórico e também seus costumes, diversidades e suas pluralidades enquanto comunidades quilombolas.

**Quadro 6 – Processo seletivo para ministrar aula em comunidade quilombola**

<b>Você passou por algum processo seletivo para poder ministrar aula em uma comunidade quilombola?</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Discurso</b>	<b>Palavras chaves</b>
Antônio	<i>Não. Não passei por nenhuma formação e nem seleção para ministrar aula na escola da comunidade, mas tem formação continuada fora da escola mais que não é voltado para a cultura quilombola a gente geralmente faz fora.</i>	Formação continuada Não voltado para cultura quilombola
Arlete	<i>Não, não foi feita entrevista em ter referências quilombola não.</i>	Sem referências quilombolas
Luiz	<i>Especificamente aqui para a comunidade de Gurugi não.</i>	
Laura	<i>Não. Fiz depois, fiz um curso que foi oferecido por uma professora da UFPE que ela está fazendo uma pesquisa também na educação quilombola e aí ela escolheu aqui o Albino para fazer e fui convidada a participar de uma conversa muito produtiva.</i>	Pesquisa Educação quilombola UFPE

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Aos perguntarmos tal questão aos entrevistados, todos responderam que não passaram por nenhuma formação para poder ministrar aulas nas escolas da comunidade, dois dos entrevistados falaram que existe formação continuada ofertada para os professores da rede municipal, mas que não é voltado para a cultura quilombola e nem para Educação Escolar Quilombola. Assim vemos a falta de compromisso do poder público em de fato implantar no sistema educacional o que já é garantido por lei, a velha história se repete, leis que apenas constam no papel.

Para atuar em escolas quilombolas o professor precisa possuir uma sólida formação teórica, garantindo a utilização de metodologias e estratégias adequadas de ensino, que visem a inserção e a articulação entre os conhecimentos disciplinares e os conhecimentos tradicionais produzidos pelas comunidades quilombolas, segundo os artigos 40 e 50 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Dcneeq, 2012). Para o educador brasileiro Paulo Freire (1996), nenhuma formação docente pode estar alheia à realidade do educando, ensinar exige reflexão crítica sobre a prática e o reconhecimento da identidade cultural. E dentro dessa perspectiva, a formação e a prática docentes possuem um papel primordial na construção de uma educação escolar quilombola e para o fortalecimento do protagonismo dos educandos quilombolas nas dinâmicas emancipatórias (Silva, 2023, p. 1381).

Diante disso, percebemos que ainda não é uma prioridade do governo em suas esferas, garantir as especificidades da EEQ, pois muitos professores ingressam

nessas escolas sem o mínimo conhecimento para lidar com a realidade dos alunos quilombolas. Muitos professores como vimos no quadro acima tem buscado por conta própria aprimorar os conhecimentos para facilitar as práticas pedagógicas dentro dessas escolas localizadas em quilombos.

**Quadro 7 – Formação dos professores durante sua graduação**

<b>Você passou por alguma formação na sua graduação ou antes de ministrar aula nessa instituição sobre a Educação Escolar Quilombola?</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Discurso</b>	<b>Palavras chaves</b>
Antônio	Não, toda informação que temos vem através de conhecimento de livros alguns cursos particulares né que a gente eu tive e só conhecimento mesmo por parte mais de livro.	Livros Cursos particulares
Arlete	Não, eu fiz pedagogia né então... não foi pedagogia do campo eu nem sabia que existia pedagogia do campo na época, senão eu teria feito e se eu soubesse que vinha para uma escola do campo né, mas enfim, não na universidade não, a não ser procurar por iniciativa própria.	Pedagogia Campo Iniciativa própria
Luiz	Não tive nenhuma formação específica, mas venho buscando por iniciativa própria adequar o trabalho nas disciplinas a realidade da comunidade escolar na qual eu trabalho.	Formação específica Disciplinas Realidade da comunidade
Laura	Não a gente ver brevemente porque é uma das modalidades de ensino eu fiz lá na UFPE a gente viu só esse quando passou por essa parte das modalidades de educação mais não se aprofundou.	Modalidade de ensino Modalidades de educação

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2024).

Ao serem questionados se eles passaram por alguma formação na sua graduação ou antes de ministrar aula nessa instituição sobre a Educação Escolar Quilombola, todos responderam que não, para os dois questionamentos levantados e ainda informaram que toda informação que tenham vem através do conhecimento de livros, ou alguns cursos particulares. Com isso, através das respostas dos professores fica afirmado que eles não têm e nem tiveram uma formação específica para que pudessem ministrar aulas nas escolas localizadas na comunidade quilombola de Gurugi.

Com isso, podemos elencar algumas problemáticas desde o início da formação de professores, devido ao currículo dos cursos de pedagogia e em licenciaturas que não contem em sua grade curricular disciplinas que dialoguem com as diversas práticas das comunidades tradicionais, o que de fato diminui a capacidade do professor em lidar com alunos que advém desses territórios. Além do currículo que está posto nas escolas.

é necessário que se compreenda que a formação de educadores é uma tríade: « currículo, contexto e cultura », sendo função pedagógica do currículo estabelecer práticas que valorizem e reconheçam as identidades e as culturas presentes na escola por meio de ações em prol de um ensino democrático e reflexivo. Acredita-se ser esta a grande tarefa dos educadores nos tempos atuais. Considerar o currículo como um meio pelo qual é possível incluir as identidades, antes marginalizadas, é reafirmar seu papel político e social na escola, através da prática do professor (Feldmann; Masetto, 2017, p. 566 *apud* Silva, 2023, p. 1381).

Desta forma, observamos a importância da luta por um currículo contextualizado, que acolham os diferentes sujeitos. A partir das entrevistas com os professores das instituições, podemos perceber que o ensino das escolas situada na comunidade que são de ensino fundamental dos anos iniciais e finais elas não oferecem um ensino contextualizado e nem na modalidade de Educação Escolar Quilombola, mas através da fala dos professores eles fazem com que suas práticas pedagógicas se contextualizem com a realidade dos sujeitos atendidos nas escolas, no seu processo de ensino e aprendizagem.

Ressaltamos aqui que os professores não tiveram nenhuma formação específica sobre a Educação Escolar Quilombola, tendo em vista que faz muito tempo que eles são formados nas suas respectivas graduações, dois dos quatro professores entrevistados falaram que tiveram uma introdução sobre o ensino étnico-racial mais não foi algo aprofundado. A partir dessa entrevista sobre nossa pesquisa os quatro professores falaram que vão buscar conhecimento dessa modalidade de educação por iniciativa própria pelo fato de estarem inseridos no processo de ensino e aprendizagem dos jovens e das crianças em sua grande maioria das comunidades quilombolas que a escola está localizada.

Além disso, dois dos entrevistados falaram que existe uma formação continuada, mas, não para a modalidade da Educação Escolar Quilombola. Essa formação continuada é apenas do currículo proposto para toda rede de ensino do município ofertada pela secretaria de educação em convênio com as universidades.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da nossa pesquisa conseguimos compreender a percepção que os professores das escolas quilombolas de Gurugi tem sobre a modalidade de Educação Escolar Quilombola. Observamos que ainda é uma modalidade desconhecida, mas que indiretamente já se é trabalhada parcialmente no cotidiano das duas escolas investigadas, através de algumas garantias asseguradas pela escola em seu projeto político pedagógico e que dialogam com os princípios que as diretrizes da EEQ trazem em seus documentos. Obviamente ainda há muito o que melhorar, essa modalidade precisa ser visibilizada nessas escolas, nessas comunidades, para que as pessoas saibam que o ensino nessas instituições tem suas especificidades.

Através da educação podemos garantir que a cultura do povo preto não desapareça, que suas tradições sejam mantidas, as histórias, a oratória, festejos, costumes, para que sejam valorizados dentro desses espaços, e é nisso que os professores precisam de aporte metodológico, para trabalharem e garantirem que as diversas manifestações desse povo sejam mantidas nas gerações futuras.

Além disso, se faz necessário essa concretização do ensino da Educação Escolar Quilombola, para que a população brasileira entenda a importância dos quilombos e do seu povo remanescentes na história do Brasil e assim os quilombolas terem de fato a sua visibilidade, que por centenas de anos não tinham, pelo fato de estar sempre sofrendo preconceito ao longo da história, vale fazer uma ressalva sobre a importância do povo escravizado e seus remanescentes nesse país e assim poder dar mais um passo na reparação histórica e na dívida que esse país deve a essa população, podemos dizer que o Brasil vai estar em uma constante reconstrução com uma nova geração, sabendo da importância desse povo e além disso, os povo remanescentes irão entender qual seu lugar na história sabendo que desde de sempre o povo preto foi excluído pela sociedade branca e burguesa do Brasil e do mundo. O povo negro vem a cada dia conquistando o seu espaço através de movimentos coletivos e muitos sacrifícios individuais.

Essa realidade, por muito tempo, ficou desconhecida e/ou desprezada pelo Estado. Com a agenda das lutas dos movimentos e as conquistas das políticas públicas e dos programas federais, mesmo que de maneira lenta e complexa, foi-se tornando um pouco mais visível a necessidade de uma educação escolar específica para a população quilombola (Lachert; Oliveira, p. 5, 2013).

Sabemos que essa conquista veio através de muita luta do movimento negro, que por sua vez tem uma grande preocupação da educação dos povos quilombolas, então essa modalidade de educação é essencial para que todos reafirmem sua identidade, tenham dignidade, e uma boa educação, que assim se libertem das amarras da sociedade que o estado impõe. Além de que em muitas comunidades só se tem a passagem das vivências dos mais velhos para os mais novos, é em consequência disso que conseguimos manter a identidade dessas comunidades e do povo de maneira informal e oralmente através dos mais velhos que ainda vive nas comunidades por tanto a Educação Escolar Quilombola vai dar a garantia de que os conhecimentos ancestrais sejam preservados e valorizados enquanto pilar principal de auto afirmação da identidade quilombola.

Sabendo desses passos a serem seguidos, os governos das esferas estaduais, municipais e federais podem estabelecer parâmetros para implantar uma boa educação e com professores capacitados para que a educação seja de fato de qualidade e contextualizada, que possa ressaltar todos as especificidades das respectivas comunidades e suas vivências e histórias. Sabendo também que a implantação dessa modalidade tem que estar de acordo com o movimento negro. Esse movimento tem um papel importante que é de fiscalizar, como está sendo proposto a implementação dessa modalidade nas comunidades e municípios.

Para efetivar o processo democrático de construção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola foram realizados seminários nacionais e regionais e audiências públicas no Maranhão, na Bahia e em Brasília durante o segundo semestre de 2011, com o objetivo de construir juntamente com as comunidades quilombolas os alicerces necessários para elaboração das Diretrizes, principalmente na área da gestão pública no que se refere às necessidades da Educação Quilombola, como os processos de avaliação escolar, a alimentação, o transporte, a edificação do prédio escolar, condições de trabalho do professor, formas de ensinar e aprender, o processo didático-pedagógico e o financiamento (Lachert; Oliveira, 2013, p.7 *apud* Brasil, 2011).

Além da responsabilidade dos órgãos governamentais, as escolas situadas nas comunidades quilombolas tem também sua responsabilidade junto aos seus gestores, coordenadores pedagógicos e o corpo docente da escola, essa responsabilidade se dá através da criação do PPP (Projeto político pedagógico) das escolas, então o mesmo tem que atender todas as diretrizes curriculares da Educação Escolar Quilombola, para que de fato se efetive a modalidade nas respectivas escolas. Mas,

também não adianta ter um PPP que atenda todas as exigências e os educadores não terem formações adequadas para estarem colocando em pratica o ensino proposto no PPP, para a efetivação dessa modalidade se faz necessário um modelo de formação continuada para todos os educadores envolvido no processo de ensino e aprendizagem desses sujeitos, porque diante desse desafio de trazer uma educação de qualidade para todos e contextualizada de acordo com cada necessidade se faz necessário os educadores estarem em uma constante formação para que possam atender de maneira mais eficaz todas as especificidades das comunidades quilombolas e seus remanescentes.

Estas iniciativas, em conjunto com outras ações e circunstâncias, contribuíram para a ampliação do debate político, social e acadêmico acerca da educação em comunidades quilombolas, legitimando a imersão de seus saberes, culturas e tradições nos currículos escolares. (Carvalho; Maroun, 2017 p. 88).

Vale ressaltar a importância de estar presente o ensino das tradições e costumes das comunidades quilombolas, e que assim o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos envolvidos vai estar de acordo com a sua realidade, no entanto vale salientar que a Educação Escolar Quilombola ela não é apenas para ser ofertada para as crianças e os jovens de idade escolar comum, mas também para jovens e adultos que optam para o ensino de jovens e adultos - EJA.

Além de explorar as especificidades das comunidades vai estar em concordância com as diretrizes curriculares que moldam essa modalidade de educação atingindo sua pluralidade e sua heterogeneidade cultural fazendo com que aconteça a emancipação social dessas comunidades remanescentes quilombolas. Para se ter a efetivação de modalidade de Educação Escolar Quilombola não basta conter nos PPP das escolas situadas das comunidades quilombolas, mas se ter um programa ou projetos de formações continuadas para os professores que vai está ministrando aulas nessas respectivas comunidades em territórios quilombolas.

Diante da coleta de dados foi constatado que não se tem formação para os professores que ministram aulas nas escolas quilombolas, teve uma experiência na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, mas por questões políticas partidária o projeto se acabou. Então é essencial uma formação continuada para os professores que se tem nessas escolas e também para os novos que estão se formando visando melhorar a educação para a população quilombola, acredita-se que com as

licenciaturas que estão sendo implantadas no Brasil a modalidade de Educação Escolar Quilombola vai se ter uma pluralização da educação para todos, podendo assim entender todo seu processo histórico e social.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, **Censo 2022: analfabetismo entre quilombolas é quase três vezes maior do que na população total do país.** Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40703-censo-2022-analfabetismo-entre-quilombolas-e-quase-tres-vezes-maior-do-que-na-populacao-total-do-pais#:~:text=Em%202022%2C%201.015.034%20pessoas,\(192.715%20pessoas\)%20eram%20analfabetas](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40703-censo-2022-analfabetismo-entre-quilombolas-e-quase-tres-vezes-maior-do-que-na-populacao-total-do-pais#:~:text=Em%202022%2C%201.015.034%20pessoas,(192.715%20pessoas)%20eram%20analfabetas)>. Acesso em 07 de jul. de 2024.

AIRES, Jose Luciano de Queiroz. **Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos: Alagoa Grande-PB.** Organização: Jose Luciano de Queiroz Aires... [et al.]; prefácio: Waldeci Ferreira Chagas. João Pessoa: Editora do CCTA, 180p, 2022.

ALMA PRETA. **Escolas precárias fazem quilombolas saírem de suas comunidades.** 03 de abr. de 2023. Disponível em: <<https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/escolas-precarias-fazem-quilombolas-sairem-de-suas-comunidades/>>. Acesso em: 18 de jun. de 2024.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque; SOUZA, José Paulo de; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento; CARIO, Silvio Antonio Ferraz. **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011).** RESR, Piracicaba-SP, v. 51, n. 4, p. 745-764, 2013.

BARBOSA, Tamires; FURRIER, Max. **Classificação Multitemporal do uso e ocupação do solo do município do Conde – PB.** Revista GeoAmazônia, Belém, n. 2, v. 01, p. 113 - 122, 2014.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silva Valdete. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2 n. 1 (3), p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://gtfhufrgs.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/05/entrevistas.pdf>>. Acesso em: 09 de set. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **MEC debate Educação Escolar Quilombola na Paraíba:** Audiência pública no Ministério Público Federal da Paraíba discutiu a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Escolar Quilombola no estado. [Brasília]. Ministério da Educação. 20 de set. de 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/setembro/mec-debate-educacao-escolar-quilombola-na-paraiba>>. Acesso em: 28 de ago. de 2024.

CAMPOS, Margarida Cassia; GALLINARI, Tainara Sussai. **A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil.** Revista Nera, n. 35, p. 199-217, 2017.

DUARTE, Ana Paula Mendes; CARNEIRO, Vera Maria Oliveira. (organizadoras). **Contribuições para construção de um currículo contextualizado para o semiárido** – Feira de Santana: MOC/Curviana, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

LARCHERT, Jeanes Martins; OLIVEIRA, Maria Waldenez de. **Panorama da educação quilombola no Brasil**. Políticas Educativas – PolEd, v. 6, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolEd/article/view/45656>. Acesso em 18 de abr. de 2024.

LEÃO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista**. Cadernos de pesquisa, n. 107, p. 187-206, 1999.

PARAÍBA CRIATIVA. **Comunidade Quilombola de Gurugí**. 19 de nov. de 2016. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/comunidade-quilombola-de-gurugi/>. Acesso em 28 de ago. de 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

\_\_\_\_\_. **Colonização, Quilombos modos e significações**. Brasília, 2015. Disponível em: [http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao\\_Quilombos.pdf](http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf). Acesso em 24 de set. de 2024.

SILVA, Brigida Ticiane Ferreira da. **Formação e prática de professores de uma escola quilombola no Amapá: por uma didática culturalmente pertinente**. Revista Diálogo Educacional, v. 23, n. 79, p. 1376–1390, 2023.

SILVA, Jadiele Cristina Berto da **“Quantas anônimas guerreiras brasileiras!”: a luta das mulheres negras nas comunidades quilombolas de Ipiranga e Gurugi-Paraíba**. 111f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Bacharelado em Geografia, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – Paraíba – Brasil, 2018.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

### Questionário para a Entrevista

1. Qual seu nome?
2. Qual sua formação?
3. A quanto tempo você ministra aula nessa instituição?
4. Qual a importância da Educação Escolar Quilombola?
5. Você passou por algum processo seletivo para poder ministrar aula em uma comunidade quilombola?
6. Você passou por alguma formação na sua graduação ou antes de ministrar aula nessa instituição sobre a Educação Escolar Quilombola?
7. Na sua visão qual a influência da comunidade no ensino dessa instituição?
8. Você desenvolveu algum projeto voltado para questão cultural?